

## Ruído branco: cotejo das traduções de *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon

Giulia Mendes Gambassi<sup>1</sup>

Giulia Mendes Gambassi é mestra e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo licenciada em Letras - Português pela mesma instituição. Seus estudos se voltam à linguagem e suas intersecções com identidades, minorias, migração, gênero e discurso. Coordena, junto à Professora Doutora Mariana Peixoto (UFU), o grupo de pesquisa GEDIS-UFU (Grupo de estudos sobre Discurso, Interseccionalidade e Subjetividade). Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado na Unicamp, atuando como docente na graduação do Instituto de Estudos da Linguagem.



<https://orcid.org/0000-0002-8326-8189>

Data de recebimento: 28 de abril de 2025.

Data de aceite: 13 de julho de 2025.

**Como citar este artigo:** GAMBASSI, G. M. Ruído branco: cotejo das traduções de *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon. *Revista InterCulturas*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. e73887, jul. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.16245315

**Resumo:** Este artigo apresenta o cotejo de duas traduções para o português brasileiro da obra *Peau noire, masques blancs*, escrita por Frantz Fanon e publicada pela primeira vez em 1952. Percebemos diferenças na compreensão do que é o trabalho tradutório e em sua execução nos textos apresentados por Renato da Silveira (Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008) e Sebastião Nascimento, com colaboração de Raquel Camargo (UBU, 2020). Na primeira tradução, essas diferenças são marcadas desde a apresentação à tradução, intitulada *Nota do tradutor*, e que é iniciada pela máxima "*traduttore traditore*". Silveira se concentra em comentários técnicos, referentes à sintaxe e ao "sabor" do texto traduzido, fazendo críticas à qualidade do famoso texto fanoniano que se repetem em notas apresentadas durante o texto. Nelas, o tradutor indica impossibilidades tradutórias que levam, inclusive, à supressão de trechos do original, apontando também faltas e falhas na obra de Fanon. Já na segunda tradução, Nascimento e Camargo reservam os comentários de tradução a notas no corpo do texto, que apresentam conceitos e contextualizam a produção da obra. Além disso, alguns apontamentos da tradução de 2020 trazem complexidade às escolhas tradutórias que envolvem, principalmente, marcações raciais. Na tradução mais recente, destacam-se ainda as tentativas de usar o espaço de visibilidade do tradutor no texto para facilitar o acesso a uma obra tão importante e relevante para os estudos e a práxis antirracista, em vez de tentar justificar possíveis problemas de tradução. Nesse sentido, feito o cotejo das notas e de algumas passagens da obra, questiona-se se uma tradução antirracista é possível e o que podemos fazer para tentar alcançá-la.

**Palavras-Chave:** Frantz Fanon. Cotejo. Tradução antirracista. Decolonialidade.

### White Noise: A Comparative Analysis of the Brazilian Portuguese Translations of *Black Skin, White Masks*, by Frantz Fanon

**Abstract:** This article undertakes a comparative study of two Brazilian Portuguese translations of *Peau noire, masques blancs*, authored by Frantz Fanon and originally published in 1952. It explores different approaches to the translation process as shown in the translations by Renato da Silveira (Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008) and Sebastião Nascimento, in collaboration with Raquel Camargo (UBU, 2020). In Silveira's

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [giugambassi@gmail.com](mailto:giugambassi@gmail.com)

translation, these differences are evident from the outset, beginning with a translator's note introduced by the familiar adage "*traduttore traditore*." His commentary centers on syntactic and stylistic aspects of the target text, often accompanied by critiques of Fanon's original, including translation notes that justify the omission of certain passages and point to perceived inconsistencies in the source text. In contrast, Nascimento and Camargo's translation presents translator notes only in the body of the text, offering conceptual clarifications and contextual background. Their translation foregrounds the complexities of rendering racially marked language, while also aiming to make this pivotal work more accessible to readers engaged in anti-racist scholarship and praxis. Rather than defending the limitations of translation, the 2020 edition asserts the translator's role as mediator and facilitator. This text ultimately raises the question of whether an anti-racist translation is possible—and what steps might be taken to pursue it.

**Keywords:** Frantz Fanon. Comparative analysis. Anti-racist translation. Decoloniality.

## Ruido blanco: análisis comparativo de las traducciones al portugués brasileño de *Piel negra, máscaras blancas*, de Frantz Fanon

**Abstract:** Este artículo presenta un análisis comparativo de dos traducciones al portugués brasileño de la obra *Peau noire, masques blancs*, escrita por Frantz Fanon y publicada por primera vez en 1952. Se observan diferencias en la comprensión del trabajo traductológico y en su ejecución en los textos presentados por Renato da Silveira (Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008) y por Sebastião Nascimento, con colaboración de Raquel Camargo (UBU, 2020). En la primera traducción, estas diferencias se marcan desde la nota introductoria del traductor, que comienza con la máxima "*traduttore traditore*". Silveira se enfoca en comentarios técnicos sobre la sintaxis y el "sabor" del texto traducido, formulando críticas a la calidad del conocido texto fanoniano que se repiten en las notas al pie. En ellas, el traductor señala imposibilidades traductológicas que incluso llevan a la supresión de fragmentos del original, además de señalar carencias y errores en la obra de Fanon. En la segunda traducción, Nascimento y Camargo reservan los comentarios a notas que explican conceptos y contextualizan la producción de la obra. Además, algunos comentarios de la traducción de 2020 aportan complejidad a las elecciones traductorales relacionadas, sobre todo, con marcas raciales. En esta traducción más reciente, también se destaca el intento de utilizar el espacio de visibilidad del traductor en el texto para facilitar el acceso a una obra tan relevante para los estudios y la praxis antirracista, en lugar de justificar posibles problemas traductivos. A partir del cotejo de notas y pasajes de la obra, se cuestiona si una traducción antirracista es posible y qué podemos hacer para intentar alcanzarla.

**Palabras Clave:** Frantz Fanon. Análisis comparativo. Traducción antirracista. Decolonialidad.

### 1 Introdução

"Ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!" (Fanon, [1952] 2020, p. 242). A famosa prece fanoniana, que encerra a obra *Peau noire, masques blancs* (*Pele negra, máscaras brancas*<sup>2</sup>), é também uma convocação. Por mais que a ideia de homem como sinônimo universal de humanidade seja uma questão a ser encarada na contemporaneidade<sup>3</sup>, essa frase chega a nós atravessando as letras e o tempo. Como mulher branca, coloco como

---

<sup>2</sup> O título da obra é traduzido da mesma forma nas edições brasileiras.

<sup>3</sup> Grada Kilomba já o aponta no prefácio da tradução editada pela UBU, colocando outras questões pertinentes para problematizar as dinâmicas de gênero apresentadas na obra (Kilomba, 2020).

ponto focal de meu atual trabalho de pesquisa uma mirada através do espelho, convocando a branquitude a retomar sua conexão com a realidade, perdida na suposta ausência de corpo do pesquisador branco, como nos lembra Oyěwùmí ([1997] 2021), ou no pretense ponto zero dos modelos coloniais de conhecimento, como afirma Castro-Gómez (2007). Ilusão que nos levou a firmar um pacto narcísico (Bento, 2022) – algumas vezes inconsciente – de autopreservação e de naturalização da supremacia branca, segundo a qual somos um reflexo do ideal de humano (Autora, 2022), construído às custas de corpos, vidas e subjetividades que foram marginalizados desde a empreitada colonial, que segue seu curso.

É, então, a partir deste corpo que apresento um trabalho inicial de cotejo das traduções mais recentes dessa importante obra para o português brasileiro, assinadas por homens brancos<sup>4</sup>. E justamente por colocar em voga o corpo que pensa e escreve estas linhas, o faço em primeira pessoa, trazendo à baila o meu lugar no jogo racial para abordar um problema que é meu e daqueles que, como eu, se leem e são lidos enquanto brancos: a branquitude (Schucman; Conceição, 2023). Trata-se de um compromisso com a memória, de uma empreitada derridiana em relação à herança<sup>5</sup> escravocrata, para que se possa construir novos futuros. Faço, então, o convite de que nos atrevamos a repetir a prece de Fanon e a colocar o corpo como indispensável para a leitura que fazemos do mundo, bem como para a interpretação e a criação da realidade.

Destaco, ainda, junto a Tachtiris (2024), que “a tradução é um lugar em que o significado racial é negociado” e que, visto que a negritude é uma categoria colonial, inventada para

---

<sup>4</sup> Ainda que a edição da UBU destaque a colaboração de Raquel Camargo na tradução, é Sebastião Nascimento que é nomeado como tradutor.

<sup>5</sup> “Se a herança nos designa [*assigne*] tarefas contraditórias (receber e no entanto escolher, acolher, o que vem antes de nós e no entanto reinterpreta-lo etc.), é que ela atesta nossa finitude. Só um ser finito herda, e sua finitude o obriga a isso. Obriga-o a receber o que é maior, mais antigo, mais poderoso e mais duradouro que ele. Mas a mesma finitude obriga a escolher, a preferir, a sacrificar, a excluir a deixar de lado. Justamente para responder ao apelo que o precedeu, para a ele responder e por ele responder – em seu nome como em nome do outro. Antes mesmo de dizer que se é responsável por tal herança, é preciso saber que a responsabilidade em geral (o “responder de”, o “responder a”, o “responder em seu nome”) nos é primeiramente designada, e, de uma ponta a outra, como herança. É-se responsável perante aquilo que vem antes de si mas também perante o que está por vir, e portanto também perante a si mesmo. Perante duas vezes, perante o que se deve de uma vez por todas, o herdeiro está duplamente endividado. Trata-se sempre de uma espécie de anacronia: ultrapassar em nome de quem nos ultrapassa, ultrapassar o próprio nome! Inventar seu nome, assinar de maneira diferente, de uma maneira a cada vez única, mas em nome do nome do legado, caso seja possível” (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 15).

justificar a dominação e a subjugação de sujeitos, acaba se tornando “um meio valioso para efetivar esse tipo de luta<sup>6</sup>” (Tachtiris, 2024, p. 134, tradução minha). Ademais, se nos voltarmos ao argumento de Hall (2015) de que raça é um significante flutuante, ou seja, uma categoria discursiva produzida sócio-histórica e culturalmente, podemos considerar que a negociação de sentidos, que fica em evidência no processo tradutório, pode evidenciar ideologias e práticas racistas, feitas deliberadamente ou não. Ou seja, parto do pressuposto de que, considerando o trabalho com a língua e as escolhas feitas no ato tradutório, o campo dos estudos da tradução interessa não só para a análise de textos já traduzidos, mas também para a tão urgente ação antirracista.

Organizei, então, este texto em três partes, para além da introdução e da conclusão: “Sobre a obra e as mãos que a (re)escrevem”, em que faço uma breve apresentação da obra, do autor e dos tradutores; “Um adeus (definitivo?) à neutralidade do tradutor”, onde apresentarei o suporte teórico que possibilita os argumentos aqui defendidos; e “Cotejando *Pele negra, máscaras brancas*: um ensaio inicial para a desalienação do tradutor branco”, em que apresento alguns destaques de uma análise comparativa entre as traduções mais recentes de *Pele negra, máscaras brancas* (Fanon [1952] 2008; Fanon [1952] 2020).

## 2 Sobre a obra e as mãos que a (re)escrevem

A seguir, faço uma breve introdução ao autor e à obra *Pele negra, máscaras brancas*, bem como aos tradutores e às traduções que analiso neste trabalho.

### 2.1 O autor e a obra

Frantz Fanon foi um psiquiatra, teórico e dirigente revolucionário anticolonial que segue atual e influente na área de estudos antirracistas e decoloniais<sup>7</sup>, principalmente se estivermos

---

<sup>6</sup> “Because translation is a site where racial meaning is negotiated, it is a valuable means of effecting this kind of struggle” (Tachtiris, 2024, p. 134).

<sup>7</sup> Os termos “pós-colonial”, “descolonial”, “decolonial”, “anticolonial” e “contracolonial” apresentam nuances significativas e muitas vezes sobrepostas no debate crítico contemporâneo. Em linhas gerais, o pós-colonialismo

cientistas de sua atuação em lutas pela independência de ex-colônias europeias. Nascido em 1925<sup>8</sup> na Martinica, mas com nacionalidade francesa, serviu no exército francês durante a Segunda Guerra Mundial e formou-se em medicina com especialização em psiquiatria na Universidade de Lyon. Em 1961, faleceu prematuramente, aos 36 anos, em decorrência de um câncer.

O título original da obra *Pele negra, máscaras brancas*, escrita por Fanon e publicada em 1952, era *Essai sur la désaliénation du Noir (Ensaio sobre a desalienação do negro)*, tendo sido apresentada como uma tese de exercício para a conclusão de sua especialização em psiquiatria, mas rejeitada por seu orientador. Após a escrita de outra tese – menos revolucionária e mais patologicamente descritiva – e a finalização do curso, Fanon publicou o primeiro texto com um novo nome: *Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)*. Sendo uma das mais contundentes intervenções antirracistas no pensamento contemporâneo, a obra provoca deslocamentos já no contato com o estilo do autor, que articula crítica filosófica, reflexões psicanalíticas e relatos autobiográficos para expor os efeitos subjetivos e estruturais do racismo colonial. Ao descrever o que significa ser uma pessoa negra em um mundo branco — ou seja, em um mundo organizado a partir da norma e da supremacia branca — Fanon aponta como o colonialismo não apenas domina territórios, mas adentra a psique, inscrevendo-se nos corpos, nos afetos e na linguagem.

---

refere-se tanto ao período histórico posterior à independência de colônias quanto a uma abordagem teórica que analisa as consequências duradouras do colonialismo nas subjetividades e estruturas sociopolíticas. As perspectivas descolonial e decolonial, por vezes utilizadas como sinônimos, distinguem-se sobretudo por suas ênfases: o pensamento descolonial propõe a *desmontagem* das estruturas coloniais ainda operantes, enquanto o decolonial se volta à construção de novos paradigmas epistemológicos não eurocêntricos, centrados em formas de conhecimento locais. Já o termo anticolonial é mobilizado aqui em referência à práxis de Frantz Fanon, que articula a crítica ao colonialismo à ação revolucionária e à transformação social. Por fim, a categoria contracolonial, que tem aparecido de forma mais crítica nos estudos acadêmicos, é aqui associada às vivências e aos saberes insurgentes de comunidades quilombolas, como no pensamento de Nego Bispo, cuja resistência cotidiana se inscreve como contraposição radical às lógicas coloniais. Neste texto, opto por mobilizar o termo decolonial por entender que o debate aqui apresentado diz respeito a uma discussão teórica que reconhece os efeitos da colonialidade, enquanto propõe uma discussão que ensaia romper com uma alienação quanto ao racismo entranhado e (re)produzido em dispositivos e áreas de conhecimento. Por outro lado, escolho o termo antirracismo por entender que escrevo este texto como uma das formas de combate à reprodução do ideal de supremacia branca, que diminui e apaga consistentemente a herança escravocrata e seus impactos positivos para as pessoas brancas (Bento, 2022).

<sup>8</sup> No ano de publicação deste artigo (2025), celebra-se o centenário do nascimento de Fanon, com novas obras editadas em português e uma série de dossiês e eventos em sua homenagem.

Devido ao caráter transgressor de seu texto, principalmente considerando o que se espera da escrita acadêmica, alguns leitores, incluindo Renato da Silveira, que traduziu a edição de 2008, como apresentarei a seguir, receberam seu texto como errático, sem rigor científico ou até mesmo mal escrito. Porém, o que podemos observar é a violência racista e colonial que se direciona a um autor negro, mas não a outros contemporâneos que também esgarçavam os limites da forma e do propósito da filosofia e da academia, como o seu colega, Jean-Paul Sartre – que, inclusive, se inspirava em Fanon (Faustino, 2015).

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon ressalta justamente o processo violento de alienação que atravessa a construção identitária racial das pessoas negras, apontando que a “máscara branca” não é apenas metáfora da assimilação cultural, mas um sintoma de um mundo que obriga o negro a negar sua negritude para ser reconhecido como humano. É essa denúncia radical que torna o livro uma referência fundamental nos estudos antirracistas. Por isso, não só a prece que encerra a obra e abre este texto, mas o livro como um todo são um convite à desalienação que, a meu ver, deve se ampliar para a branquitude que sustenta esse jogo brutal.

## 2.2 Os tradutores e as traduções

Em 1983, a primeira tradução de *Pele negra, máscaras brancas* para o português brasileiro, assinada por Maria Adriana da Silva Caldas, é publicada no Brasil, pela editora Fator<sup>9</sup>. Porém, a primeira edição a que tive acesso foi a traduzida por Renato da Silveira e publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba) em 2008. Silveira é antropólogo e artista plástico, além de professor na Universidade Federal da Bahia. Sua publicação mais recente, *A mitologia maldita: estereótipos políticos e raciais na gênese da indústria cultural* (Edufba, 2021) é resultado de décadas de pesquisa sobre o fenômeno da intolerância, em geral, e do racismo, em particular. Assim, por mais que Silveira não seja tradutor de profissão – ao que consta –, seus interesses acadêmicos se voltam a uma área muito afim às preocupações fanonianas.

---

<sup>9</sup> Infelizmente não consegui ter acesso a essa edição para incluí-la neste cotejo, mas seria importante fazê-lo em futuros trabalhos.

Foi, então, a partir da releitura de *Pele negra, máscaras brancas* em sua edição mais recente, de 2020, traduzida por Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo, publicada pela UBU, que as diferenças entre os textos apresentados ao leitor brasileiro chamaram a minha atenção. Adianto, entretanto, que este artigo não tem por objetivo fazer uma análise qualitativa da tradução, defendendo uma ou outra edição, mas busca, a partir da análise das notas e de alguns trechos de tradução, destacar a importância da desalienação do tradutor branco de sua suposta neutralidade racial para que não só evite práticas racistas no ato tradutório, mas também se proponha, efetivamente, em seu campo de atuação, a ser antirracista.

Sebastião Nascimento, tradutor de profissão do e para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, kreyòl e português, é graduado em Direito, mestre em Direito Internacional e doutor em Ciências Sociais, assina a tradução editada pela UBU em 2020, em colaboração com Raquel Camargo, tradutora do francês, mestra em Direitos Humanos e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Não foi possível localizar comentários assinados por eles sobre a obra ou sobre Fanon, nem mesmo na edição da UBU. Há poucas informações disponíveis online sobre Nascimento e, na trajetória acadêmica de Camargo, não há, do que pude rastrear, destaques a comentários sobre o autor. Talvez por não terem feito da tradução um objeto de pesquisa, a tendência seja não comentar as obras com as quais trabalharam.

Nesse cenário, podemos observar dois perfis distintos entre aqueles que atuaram na tradução de *Peau noire, masques blancs* (Fanon, 1952) para o português brasileiro: Silveira, que tem algum conhecimento sobre o autor e na área de inserção da obra, mas não é tradutor profissional, e Nascimento e Camargo, que são tradutores profissionais, sem evidente especialização na área técnica da obra. Algumas das questões que apresentarei a seguir como problemáticas, podem ser reflexo da contratação de uma pessoa que não tem formação para atuar como tradutora. Os desafios de aliar competência linguística e conhecimento técnico no fazer tradutório são abordados em muitos cursos de formação de tradutores – com seus diferentes formatos –, bem como a responsabilidade (no sentido de responder por suas escolhas) do tradutor pelos efeitos que o texto vertido em outra língua podem carregar. Muito

provavelmente a edição da Edufba teria se beneficiado da contratação de um tradutor profissional, como fez a UBU, em algum dos passos envolvidos no processo editorial da obra.

### 3 Um adeus (definitivo?) à neutralidade do tradutor

Lia Vainer Schucman, professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), participou, em 2020, de um diálogo com Sueli Carneiro, mediado por Ana Paula Lisboa, sobre *Alianças possíveis e impossíveis entre brancos e negros para equidade racial*. Essa e mais quatro outras conversas que aconteceram na ocasião foram publicadas em 2023 na coletânea *Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo*. Nessa ocasião, Schucman (Carneiro; Schucman; Lisboa, 2023, p. 36), definiu “letramento racial” como aquilo que “diz respeito ao branco que consegue responder às hierarquias raciais na vida individual”. Mais adiante, em 2025, na *Gira de Diálogos sobre o Apartaide Brasileiro - conversa com Lia Schucman (UFSC)*<sup>10</sup>, com mediação de Julio Cesar de Tavares e participação de Eneida Leal Cunha, Schucman aponta que renomearia essa prática como “letramento racial racista”, definindo-a como “uma aprendizagem de ser branco”, em que se nomeia “o outro como perigo” e se assina, diariamente, ainda que sem plena consciência, um contrato social que legitima a supremacia branca, atualizando e ampliando o racismo em suas mais variadas formas.

E por que falo, aqui, de supremacia branca – termo tão incômodo quando assustador quando falamos em questões raciais? Inspirada pela obra *Translation and race*, de Corine Tachtiris (2024), afirmo que abordar a questão da branquitude apenas pelo viés do “privilégio” não é suficiente. Pensando com Alberto Guerreiro Ramos ([1982] 1995), ao discutir a patologia social do branco brasileiro, é importante nos lembrarmos de que

[p]ara garantir a espoliação, a minoria dominante de origem européia recorria não somente à força, à violência, mas a um sistema de pseudojustificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica. A afirmação dogmática da excelência da brancura ou a degradação estética da cor negra era um dos suportes psicológicos da espoliação (Ramos, [1982] 1995, p. 220)

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/live/VSDyRKXbtzE>. Acesso em 25 abr. 2025.

Ou seja, houve e ainda há a diminuição e a marginalização sistemática de pessoas racializadas – processo social em que apenas o não-branco é visto como racializado, esquecendo o branco que, nesse sistema, também tem raça – para que se possa dominar o jogo político, econômico, intelectual e moral. Desse modo, se o efeito disso é a degradação do outro para que se possa afirmar um lugar de excelência, que nome podemos dar a essa fantasia de superioridade que não “supremacia branca”?

Aprendemos, socialmente, a sermos racistas e isso atravessa todos os espectros de nossas vidas. Mesmo os antirracistas ou aliados, os pesquisadores, estudiosos e tradutores de textos que se preocupam em discutir a temática racial não passam incólumes nem ao racismo nem ao que chamo, aqui, de *ruído branco*. Mobilizo essa frequência sonora bastante conhecida para quem sofre com distúrbios de sono, visto que funciona como uma “parede”, como explica o neurocientista especializado em audição Seth Horowitz<sup>11</sup>, servindo para “bloquear sons cujas frequências variam de intensidade e podem estimular o córtex cerebral”<sup>12</sup>. Muitas pessoas têm optado pelo ruído branco na hora de dormir para que não sejam perturbados por barulhos externos, conseguindo alcançar um sono profundo e restaurador. Minha proposta parte da associação da cor branca que nomeia esse ruído – mobilizada por ser a combinação de todas as cores – à branquitude. A analogia que faço, partindo do letramento racial racista apresentado por Schucman, é que, no pacto narcísico que busca preservar a branquitude (Bento, 2022) e que sustenta a ideia de supremacia branca, acabamos por não só estranharmos e excluirmos os ruídos do que é diferente – considerando o que aprendemos a ser a norma –, mas também por produzirmos outros ruídos no trabalho com vozes racializadas para restaurar o lugar “neutro” e a centralidade do pensamento embranquecido. Assim, o ruído branco, neste caso, busca nomear uma camada (im)perceptível e contínua de apagamento, mesmo quando acreditamos estar fazendo um trabalho engajado, podendo ser também compreendido como uma forma sutil de racismo não deliberado.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40679798>. Acesso em 25 abr. 2025.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://ufsb.edu.br/proaf/proaf/dace/cqv/setor-de-promocao-a-saude-estudantil/acao-bem-estar/ruído-branco-voce-sabe-o-que-e#:~:text=Logo%2C%20o%20ru%C3%ADdo%20branco%20serve,melhora%20e%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20do%20sono>. Acesso em 25 abr. 2025.

No caso específico deste artigo, defendo que a naturalização da supremacia branca (como pano de fundo constante, um ruído que está sempre presente, mas raramente é notado por quem o emite) e a dificuldade de desaprendermos o letramento racial racista impactam a prática tradutória, por ser um lugar onde esse ruído pode se infiltrar ou revelar, abafando nuances, neutralizando desconfortos, padronizando o que é dissonante e até mesmo menosprezando ou buscando um rigor desmedido em produções teóricas que impactam diretamente na manutenção de nossos privilégios – consequentemente desembocando em um silenciamento epistêmico. Desse modo, considerando as tradicionais discussões nos estudos da tradução sobre visibilidade ou invisibilidade do tradutor, a fidelidade e a infidelidade do ato tradutório e até mesmo a pretensa neutralidade desses profissionais (que às vezes precisa ser buscada em contextos comerciais), retomo a prece fanoniana para que desloquemos essas questões em direção a uma perspectiva crítica racial de nossas escolhas, nunca neutras, como nos lembram Blume e Peterle (2013).

Logo, entendendo a tradução como um lugar de luta e sedução e considerando que, nela, “a presença linguística e cultural do que vem antes do imperialismo persiste dentro dele e sobrevive a ele [...]” (Tageldin, 2023, p. 302), clamo para que não só nosso corpo faça de nós pessoas que questionam, mas que a consciência sócio-histórica das dinâmicas coloniais e raciais do mundo ocidentocêntrico e embranquecido façam daqueles que trabalham com a linguagem, sujeitos que ousam enfrentar aquilo que os encara de volta no espelho.

Para isso, sugiro que uma perspectiva discursiva seja projetada nessa área, nos moldes do que Amorim (2005) já nos apresentava em sua dissertação de mestrado:

[...] o estudo das relações entre a materialidade discursiva das nossas produções culturais e a prática da tradução e da adaptação é apenas um modo possível de se começar a compreender a forma pela qual o sujeito tradutor/adaptador pode-se inscrever naquilo que escreve e a maneira pela qual sua "escrita" é reconhecida na sociedade (Amorim, 2005, p. 229)

Logo, há de se reconhecer que nos inscrevemos nos textos que traduzimos – ou (re)escrevemos, se pensarmos com Lefevere (2007). Ainda, retomo a compreensão de Mignolo ([2000] 2003) sobre tradução colonial, expandindo esse movimento para além do trabalho

linguístico para destacar a rearticulação de valores, saberes e práticas culturais que é consequência da colonialidade do saber (Quijano, 2005).

Assim, desejo, inspirada pelo que propõe Nascimento (2021, p. 67), “marcar o não-marcado”, forçando “ao corpo branco sempre assumir suas limitações epistêmicas que podem comprometer uma dada análise do texto”. É urgente que reconheçamos “a branquitude como um poder subjacente a qualquer atuação por meio da linguagem” (Nascimento, 2021, p. 67) e que nós, pesquisadores e tradutores brancos, façamos um movimento autocrítico e consciente no que diz respeito ao trabalho com textos de pessoas racializadas. No campo acadêmico, principalmente, não é mais possível defender ou almejar a neutralidade.

#### **4 Cotejando *Peles negras, máscaras brancas*: um ensaio inicial para a desalienação do tradutor branco**

Tendo estabelecido, neste texto, a impossibilidade tanto da neutralidade do tradutor quanto da negação do atravessamento ideológico supremacista branco no trabalho com a tradução, apresento um cotejo inicial entre as duas edições de *Pele negra, máscaras brancas* no português brasileiro.

##### **3.1 O tradutor que se apresenta**

A cada palavra traduzida, a (in)visibilidade do tradutor se mostra. Seja por suas escolhas – que evidenciam seu estilo e sua subjetividade –, pela não tradução de alguns termos ou expressões – o que lembra o leitor de que aquele texto foi escrito em outra língua – ou, de forma mais direta, nas notas de tradução. Sem que percebamos, a língua denuncia que foi manipulada.

Muitas vezes, o tradutor ganha visibilidade quando tem o resultado de seu trabalho julgado como inadequado para o público-alvo ou em relação ao texto original. Mas, no caso de uma obra como a que aqui analisamos, o tradutor frequentemente percebe a necessidade de conversar com o leitor, ora para explicar suas decisões – principalmente quando não foram

óbvias no processo tradutório – ora para contextualizar cultural e teoricamente determinada discussão ou expressão.

Enquanto na edição de 2020 temos contato com o tradutor apenas em notas de rodapé, na edição de 2008 de *Pele negra, máscaras brancas*, encontramos uma nota inicial do tradutor, antes do prefácio. Iniciada com a máxima “*traduttore traditore*”, Silveira busca defender as traições à palavra em detrimento do estilo, apontando, inclusive que “o texto de Fanon, além das habituais, oferece várias outras possibilidades de traição” (Silveira, 2008, p. 7). Comenta que faltou atenção editorial no original para a apresentação da obra e explica ao leitor que Fanon escreveu para um público próximo, deixando alguns pontos sem desenvolvimento, o que gera dificuldades de leitura que serão resolvidas, ao menos o tradutor assim promete, com “um aparelho de notas” (Silveira, 2008, p. 8). Silveira ainda desabafa com o leitor, dando um testemunho de quão difícil foi seu trabalho:

[t]entei chegar o mais perto possível do texto enquanto texto, redação, não só pelo vocabulário como pela prosa e pela paixão: quase não suprimi as repetições excessivas, as frases truncadas, o modo arbitrário de usar o parágrafo, não corrigi o modo freqüentemente complicado de expressão, o uso simultâneo do “nós” majestático e do “eu” coloquial, não tentei embelezar o texto de Fanon. Mas aproveitei daqueles momentos em que a traição é uma necessidade imperiosa, para deixá-lo mais saboroso ao nosso paladar (Silveira, 2008, p. 9).

Não fosse o tom por vezes condescendente em relação à escrita fanoniana – que aparece, em minha leitura, em 17 das 61 notas assinaladas como de tradução –, um comentário como esse poderia passar despercebido. Porém, como buscarei apontar a seguir, o ruído branco que se interpõe no espaço textual também se dissemina em outros comentários de Silveira sobre a obra e o estilo de Fanon, o que trago à discussão por três motivos principais: (1) o alcance de *Pele negra, máscaras brancas* como obra seminal para os estudos sobre raça no Brasil e no mundo; (2) o sucesso de vendas dessa edição em específico, como é apontado em uma entrevista que o antropólogo dá ao jornal *A tarde*<sup>13</sup>, em 2022, na qual ficamos sabendo

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/eu-sou-feito-bicicleta-se-parar-eu-caio-diz-renato-da-silveira-1207248>. Acesso em 24 abr. 2025.

que sua tradução foi a obra mais vendida da Edufba por 25 anos; e (3) que os comentários, as omissões e as alterações no texto podem impactar na recepção da obra e do autor no Brasil.

Ademais, como parte da metodologia de pesquisa que estabeleci para escrever este texto, busquei comentários ou publicações recentes dos tradutores que versassem sobre esse trabalho de tradução. Em 2022, Silveira fez isso em duas ocasiões, em uma entrevista ao jornal *A tarde* para divulgar a recém-lançada *A mitologia maldita: estereótipos políticos e raciais na gênese da indústria cultural* e em um artigo publicado pela revista *Afro-Ásia*, que condensa uma fala que Silveira fez sobre a obra em 2009, com algumas atualizações.

Começando pela entrevista, quando perguntado sobre a vitalidade do pensamento de Fanon, considerando seu trabalho como tradutor de *Pele negra, máscaras brancas*, Silveira “lava sua roupa suja”, como ele mesmo diz, sobre o impacto negativo que observa na defesa fanoniana pela organização e pela luta armada em sua obra como um todo.

Escrevi um artigo sobre isso para a revista *Afro-Ásia*, online, que deve sair no próximo número. Ele foi uma figura importantíssima, começou como um negro de alma branca, era de uma família totalmente cristã, foi educado dentro da educação francesa, se formou em instituições francesas, lutou na guerra contra o inimigo alemão, foi condecorado duas vezes no campo de batalha por bravura, mas quando chegou na França para complementar os estudos superiores dele, foi tratado da maneira mais horripilante, foi insultado e tratado com desdém. Aí ele descobriu, porque até então não se dava conta, porque era de uma família negra integrada da Martinica, e conta essa história de como ele foi recebido na metrópole. Esse livro teve um sucesso extraordinário, porque ele foi uma das primeiras pessoas que se levantaram contra isso e denunciaram isso. Teve dificuldade para publicar porque foi uma tese dele que foi rejeitada. Só que depois ele entrou na luta armada na Argélia, virou membro do escalão superior da guerra anticolonial na Argélia, aí ele mudou, porque ele depreciava muito a cultura africana tradicional, todos os insultos que o racismo científico ilustre europeu fazia contra a cultura negra, contra as pessoas negras, contra os asiáticos e indígenas, ele adotou. E ele passou a fazer o elogio da luta armada, que virou uma varinha de condão. Diz ele: a luta armada unifica todos em torno de um ideal e tal. Mas o que a gente viu é que não foi verdade: quando a luta armada ganhou o poder começaram as frações internas, começaram uns a matar os outros. Vimos isso na União Soviética com o assassinato de Trótski, vimos isso no México quando o sistema revolucionário institucional tomou o poder e vimos isso em todos os países africanos. Por outro lado, todos os pequenos grupos que não eram a etnia dominante passaram a ser perseguidos, ou seja, ele enveredou por um caminho equivocado. Eu coloco esse tema delicado, porque sei que tem muito fã-clube de Fanon que merece esse respeito,

principalmente, pelo início da carreira dele, mas essa coisa precisa ser tocada, porque luta armada é necessária, às vezes, se você tem um cara que lhe invade com um exército armado, você tem que se armar para lutar contra, não tem como. Mas isso é uma dificuldade, porque cria uma estrutura social com um alto comando, hierarquia rígida, concentração de poderes, e quando esse grupo ganha o poder reorganiza a sociedade nesse padrão. Temos que lavar essa roupa suja, e digo isso com toda tranquilidade porque participei da luta armada. Arrisquei minha vida lutando contra uma ditadura sanguinária, vários colegas e amigos foram assassinados. Alguns como Sergio Furtado, que foi assassinado com 17 anos e até hoje a família dele não sabe onde o corpo dele foi parar. Então, estou lavando minha própria roupa suja<sup>14</sup>.

Leio essa resposta com menos tranquilidade do que ele afirma ter sentido ao dá-la. Além da expressão “negro de alma branca” ser trazida de forma não problematizada em sua fala, quando deveria ser abolida do uso corrente de nossa língua e disso já se fala há alguns anos, a análise que faz comparando a luta armada anticolonial com a resposta dada à ditadura militar brasileira parece cair em um reducionismo perigoso. Obviamente podem ser apontadas falhas em qualquer proposição teórica ou processo revolucionário e é bem provável que sua análise esteja correta quanto às hierarquias e violências que ocorrem dentro de grupos como esses, mas o que estava em jogo para Fanon era um processo muito mais complexo do que o que ocorreu durante a Ditadura Militar brasileira. O que estava em jogo era o enfrentamento à violência sistematizada que segue seu curso há séculos e que, mesmo no Brasil, ainda se manifesta em mortes violentas, perpetradas, muitas vezes, pelas próprias instituições de segurança pública, contra corpos negros<sup>15</sup>.

Vejamos como, em *Os condenados da Terra* (Fanon, 1961), obra posterior a *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon argumenta em favor da violência em contextos coloniais, ressoando um argumento que, em minha leitura, atravessa toda a obra: a violência colonial será respondida com a violência revolucionária.

A violência que presidiu à constituição do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que demoliu sem

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/eu-sou-feito-bicicleta-se-parar-eu-caio-diz-renato-da-silveira-1207248>. Acesso em 24 abr. 2025.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-11/quase-90-dos-mortos-por-policiais-em-2023-eram-negros-diz-estudo#:~:text=Estudo%20publicado%20nesta%20quinta%2Dfeira,que%20representa%2087%2C8%25>. Acesso em 24 abr. 2025.

restrições os sistemas de referências da economia, [...] será reivindicada e assumida pelo colonizado desde o momento em que, decidida a converter a história em acção, a massa colonizada penetra violentamente nas cidades proibidas (Fanon, 1961, p. 36).

Por mais que o ponto de Silveira seja que a luta armada tem suas contradições, como ocorre quando há relações de poder em jogo, considerando que ele estava respondendo a uma pergunta sobre a *vitalidade* do pensamento de Fanon, aponta-se uma discordância com o pensamento fanoniano que não seria problemática não fossem os ruídos que causam na escrita do tradutor.

Parece ser importante enfatizar, ainda, a crítica que Fanon faz à defesa de abordagens não-violentas em casos como o que ele e tantos outros experienciavam: “[n]a sua forma bruta, essa não-violência significa para as elites intelectuais e económicas colonizadas que a burguesia colonialista tem os mesmos interesses” (Fanon, 1961, p. 57), mas esse não parece ser o caso. Acredito que muitas pessoas negras prefeririam que medidas não-violentas fossem tomadas quando têm suas casas invadidas e seus filhos assassinados ou presos. Porém, não é assim que a colonialidade opera, como Achille Mbembe ([2003] 2018) coloca em evidência.

Para não me ater apenas à entrevista, busquei o artigo que foi mencionado pelo antropólogo, publicado em 2022 no periódico *Afro-Ásia* (Silveira, 2022). O texto apresenta o desenvolvimento de uma fala por ele feita em um congresso em 2009 e nele podemos ler uma sofisticada análise da trajetória intelectual fanoniana, com destaque para a obra *Os condenados da terra*. Tendo lido esse artigo, é possível compreender melhor o que embasa a resposta dada ao jornal *A tarde*: a crítica segue, mas, com o polimento da escrita acadêmica, ganhando pertinência – afinal, quando bem construída e embasada, a discordância é necessária no ambiente acadêmico. Nesse sentido, meu incômodo ainda segue no que diz respeito ao “como” essa crítica é articulada e de que maneira esse “como” está atravessado pelo que chamo aqui de ruído branco.

O destaque aos impactos do embranquecimento de Fanon devido à sua trajetória formativa e a análise dos momentos em que o autor deixa isso transparecer em seu texto são cirúrgicas. Entretanto, as “escorregadas” que Fanon dá em sua escrita também podem ser observadas no artigo em questão e nas notas de tradução que serão apresentadas adiante. Já

na parte final da publicação, por exemplo, Silveira afirma, dando ênfase a *Os condenados da terra*, que

Fanon é um bom exemplo de como um intelectual dotado desde cedo de uma honestidade exemplar, de uma grande capacidade de pesquisa, de espírito crítico e boas intuições, pode ser amesquinhado ao assimilar uma ideologia de fundo totalitário, de como um homem de grande sensibilidade pode virar um militante puro e duro, um doutrinário cujo discurso perde profundidade, perde interesse (Silveira, 2022, p. 383).

Especialmente nesse trecho, a profundidade teórica e analítica de Silveira – que se mostra um estudioso da obra de Fanon – é envolvida por uma avaliação pessoal sobre a teoria (algo que critica na escrita de Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*), possível de ser feita no meio acadêmico, mas que se destaca, neste texto, pela construção discursiva. Grada Kilomba, em *Memórias da plantaçãõ: episódios de racismo cotidiano* ([2008] 2019), ao retomar um dos depoimentos que foram produzidos para sua pesquisa, comenta sobre uma dinâmica sutil e sofisticada do racismo em que se elogia o sujeito negro para depois insultá-lo. No caso que aqui analisamos, o que chama a minha atenção após essa crítica ao pensamento fanoniano – que praticamente o reduz ao panfletarismo –, é que mesmo que a academia seja terreno propício para que as críticas sejam construídas independentemente do corpo ao qual se dirigem, a diminuição da qualidade textual de *Pele negra, máscaras brancas*, ainda que sutil, exposta nas notas de tradução de Silveira, como apresentarei na seção seguinte, ajuda-nos a refletir, enquanto pesquisadores, tradutores e professores brancos, sobre *como* fazemos a crítica a sujeitos que são socialmente diminuídos em sua potência intelectual. Fica, então, a pergunta: os comentários e a crítica poderiam ter sido feitos de outro jeito?

### **3.2 Marcar o não-marcado**

Um das questões ou problemas de tradução proeminentes para quem conhece *Pele negra, máscaras brancas* e se interessa por discussões raciais e coloniais, está em como traduzir as palavras “*négre*” e “*noir*”, visto seu sentido em francês e seu uso alternado no original. Vejamos como as traduções em análise lidam com esse dilema.

Quadro 1 – Entre “*nègre*” e “*noir*”

Silveira (2008, p. 20)	Nascimento e Camargo (2020, p. 21)
Fanon ora usa a expressão <i>Noir</i> , ora a expressão <i>nègre</i> . Esta última corresponde ao inglês <i>nigger</i> e ao português preto, expressões carregadas de discriminação, sinônimos de escravo no mundo colonial; a não ser nas honrosas exceções <i>culture nègre</i> , <i>poésie nègre</i> e <i>art nègre</i> , nas quais o termo assume uma conotação valorativa. Já o termo <i>Noir</i> corresponde ao <i>black man</i> do inglês e ao negro do português, expressões respeitadas ou neutras, meramente indicativas. Entretanto, Fanon muitas vezes usa os dois termos sem um critério mais nítido, às vezes na mesma frase, como visto acima.	No francês, o uso do termo <i>nègre</i> para se referir a negros se reveste historicamente, sobretudo em seu emprego como substantivo, de caráter pejorativo de extração colonialista e racista, a despeito dos esforços de intelectuais da Negritude para recuperar o vocábulo e promover um uso de dimensão positiva. O termo corrente sem carga depreciativa para se referir a negros é <i>noir</i> . No português europeu, o caráter pejorativo de "preto" se evidencia com maior nitidez, provavelmente em razão da experiência colonial recente e do componente colonialista do discurso racista do contexto. No português brasileiro, porém, essa carga pejorativa é menos evidente – se não ausente, de todo modo não dicionarizada – e, em decorrência disso, a tradução optou por não diferenciar os termos de caráter pejorativo ou identitário, preservando o uso de "negro", quer como adjetivo, quer como substantivo, de forma relativamente homogênea, com exceções pontuais em que uma contraposição semântica específica exigia explicitação dos sentidos ou destaque entre parênteses da escolha original do autor.

Fonte: elaborado pela autora.

Começo por apontar que, enquanto a tradução de 2020 apresenta essa nota na primeira ocorrência da palavra “negro”, na primeira página da introdução, a tradução de 2008 o fará apenas na sexta página, na 21ª ocorrência. Podendo indicar uma falta de tempo para a revisão ou alguma desatenção no processo editorial, o fato de que esse dilema é apenas descrito na tradução de 2008, sem indicação de solução, como vemos na de 2020, se sobressai. Não fosse o comentário pré-textual do tradutor, em que Silveira faz duras críticas à escrita de Fanon, essa nota não seria indicada aqui. Porém, o que observei – e o que acredito se manifestar de outras formas nos quadros a seguir – é que em vários momentos Silveira avalia o texto de Fanon, chegando ao limite da descredibilização. Mesmo que possamos deduzir que ele o faz para justificar as possíveis (e inevitáveis) falhas de tradução ou mesmo por buscar privilegiar um estilo de escrita correto (imaginário) para a produção acadêmica, há de se perguntar se o mesmo seria feito para um texto de um autor branco com um estilo não-convencional. Também se destaca a compreensão de uma possível mobilização do tempo “negro” como uma expressão neutra, na nota de Silveira, como se a neutralidade fosse possível em contextos discursivos, principalmente considerando o debate racial no Brasil.

Nos Quadros 2 e 3, observei a dinâmica do tradutor em relação ao que, em sua leitura, “falta” no texto original.

Quadro 2 – Falta de clareza do texto original

Fanon (1952, p. 67)	Silveira (2008, p. 84)	Nascimento e Camargo (2020, p. 99)
<i>La caractéristique fondamentale de la recherche psychologique actuelle semble consister dans la réalisation d'une certaine exhaustivité. Mais on ne doit pas perdre de vue le réel.</i>	A característica fundamental da pesquisa psicológica atual parece ser a pretensão a uma certa exaustividade da matéria. Mas não se deve perder de vista o real.	A característica fundamental da pesquisa psicológica atual parece consistir na realização de certa exaustividade. Mas não se deve perder de vista o real.
Nota de tradução	<i>Trecho não muito claro... Fanon parece estar criticando uma tendência muito comum nas disciplinas científicas nascidas no século XIX, a de criar sistemas teóricos perfeitos, tendendo entretanto a se afastar dos contextos sociais e dos dados empíricos.</i>	Sem nota.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 3 – Falta de conhecimento do autor

Fanon (1952, p. 22)	Silveira (2008, p. 42)	Nascimento e Camargo (2020, p. 43)
<i>Aux Antilles, rien de pareil. La langue officiellement parlée est le français ; les instituteurs surveillent étroitement les enfants pour que le créole ne soit pas utilisé. Nous passons sous silence les raisons invoquées. Donc, apparemment, le problème pourrait être le suivant : aux Antilles comme en Bretagne, il y a un dialecte et il y a la langue française. Mais c'est faux, car les Bretons ne s'estiment pas inférieurs aux Français. Les Bretons n'ont pas été civilisés par le Blanc.</i>	Nas Antilhas não há nada igual. A língua oficialmente falada é o francês. Os professores vigiam de perto as crianças para que a língua crioula não seja utilizada. Deixemos de lado as razões evocadas. Aparentemente o problema poderia ser o seguinte: nas Antilhas como na Bretanha há um dialeto e há a língua francesa. Mas a situação não é a mesma pois os bretões não se consideram inferiores aos franceses. Os bretões não foram civilizados pelo branco.	Não há nada equiparável nas Antilhas. A língua falada oficialmente é o francês; os professores monitoram de perto as crianças para que o crioulo não seja utilizado. Não trataremos aqui das razões invocadas. Ao que parece, o problema seria o seguinte: nas Antilhas, como na Bretanha, existe um dialeto e existe a língua francesa. Mas isso é enganoso, pois os bretões não se consideram inferiores aos franceses. Os bretões não foram civilizados pelo branco.
Nota de tradução	<i>Fanon não tinha conhecimento de que os bretões são uma minoria étnica oprimida dentro do território da França metropolitana, com sua língua proibida de ser ensinada nas escolas públicas durante décadas, e portanto condenada ao desaparecimento. A resistência cultural dos bretões só começou na década de 1970.</i>	Sem nota.

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 2, é a ausência de nota na tradução de 2020 que me fez questionar o apontamento da falta de clareza no original. Por que será que se mostrou necessário mencionar uma falha no original se isso não contribuiu para a leitura do texto? Qual é a compreensão de tradução da que parte Silveira para trabalhar com o texto?

Já no Quadro 3, a nota de Silveira novamente não parece ser essencial para a compreensão do texto de Fanon, mas é inserida, apontando, inclusive, que Fanon “não tinha

conhecimento” em vez de apenas introduzir o contexto ao leitor. Além de ser uma dedução sobre o que o autor sabe ou não, a construção textual do comentário, somada aos outros fatores já apontados, faz, aparentemente, ressoar o ruído branco.

Nos Quadros 4 e 5, apresento ocorrências de omissão e inserção em relação ao texto original que, em minha leitura, provocam efeitos de sentido importantes na presente discussão.

Quadro 4 – Omissão sem justificativa

Fanon (1952, p. 15, negrito meu)	Silveira (2008, p. 35)	Nascimento e Camargo (2020, p. 33, negrito meu)
Beaucoup d'Antillais, après un séjour plus ou moins long dans la métropole, reviennent se faire consacrer. Avec eux l'indigène, celui qui n'est jamais sorti de son trou, <b>le « bitaco »</b> , adopte la forme la plus éloquente de l'ambivalence.	Muitos antilhanos, após uma estadia mais ou menos longa na metrópole, voltam para ser consagrados. Entre eles o caipira, o nativo-que-nunca-saiu-de-sua-toca, <b>[omissão]</b> representa a forma mais eloquente dessa ambivalência.	Muitos antilhanos, após uma estada mais ou menos longa na metrópole, retornam para ser consagrados. Em relação a eles, o nativo, aquele que nunca saiu da toca, <b>o "bitaco"</b> [NT], adota a forma mais eloquente de ambivalência (p. 33)
<i>Nota de tradução</i>	Sem nota	Termo pejorativo do crioulo martinicano ( <i>kréyol matnik</i> ) para designar um camponês sem instrução.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 5 – Inserção gráfica

Fanon (1952, p. 11)	Silveira (2008, p. 28, negrito meu)	Nascimento e Camargo (2020, p. 28)
Le Noir évolué, esclave du mythe nègre, spontané, cos mique, sent à un moment donné que sa race ne le comprend plus.	O negro “evoluído”, escravo do mito negro, espontâneo, cósmico, a um dado momento sente que sua raça não o compreende mais.	O negro evoluído, escravo do mito negro, espontâneo e cósmico, num dado momento sente que sua raça já não o compreende
<i>Nota de tradução</i>	<i>O termo “evoluído”, tradução de évolué, está entre parênteses [sic] porque tem uma significação histórica e ideológica: é a expressão pela qual o colonialismo francês designou o africano, ou o nativo em geral, que foi educado dentro da cultura francesa e abandonou sua cultura tradicional.</i>	Sem nota

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando o comentário não essencial apresentado no Quadro 3, há de se questionar a omissão injustificada de uma expressão que é relevante para o todo da obra – visto que “*bitaco*” (Quadro 4) se refere a um estigma racial. Por outro lado, no Quadro 5 há a inserção de um sinal gráfico (“evoluído”) e de uma explicação que – por mais que a nota traga uma informação importante para a compreensão do uso do termo – extrapolam o que havia sido posto no texto original, ao levar o leitor a pensar que Fanon colocou o termo entre aspas

para evocar o sentido explicado por Silveira. Nesse sentido, tanto a omissão quanto a inserção dão indícios de que a relação com o texto traduzido é quase editorial: são feitos comentários sobre a qualidade do texto que nunca chegarão ao autor, bem como tentativas de suprir as “faltas” e “falhas” do texto original.

Algo semelhante parece ocorrer em notas que se voltam à intraduzibilidade de alguns trechos, que apontam a simplificação<sup>16</sup> como solução ou até mesmo assumem sua impossibilidade<sup>17,18</sup>. Além de essas notas não contribuírem para a solução do imbróglio que o tradutor compartilha com o leitor, também estão ausentes na tradução de 2020. Assim, volto a me questionar: qual é a pertinência de apontar, repetidas vezes, que o texto de Fanon é difícil de ser trabalhado? Qual é o efeito disso na recepção da obra? Por mais que possa ser uma tentativa de se resguardar de possíveis críticas, falta de atenção ou até mesmo falta de recursos da editora na época para contratar um revisor técnico antes da publicação, as nuances de sentido apresentadas não são quaisquer.

## Considerações finais

Com o avançar das discussões sobre a importância de uma agência antirracista e uma proposição decolonial de novas epistemologias, muitas vezes deixa-se de lado efeitos de sentido que, quando consideradas no todo social, preservam a supremacia branca. As possibilidades de leitura aqui apontadas captam um ruído quase imperceptível da branquitude,

---

<sup>16</sup> “Esta passagem foi simplificada pela presente tradução, devido a um jogo de palavras **intraduzível**, utilizado pelo autor. No original, Fanon, refere-se aos *ratés*, no sentido de pessoas derrotadas. No entanto, em francês, esta expressão é uma metáfora mecânica: originalmente, *raté* é a falha em um sistema mecânico, arma de fogo ou motor de explosão; por extensão, o termo é usado para pessoas mal-sucedidas na vida. Literalmente a frase de Fanon deveria ser traduzida assim: ... ‘no plano da psicanálise, ou seja, no dos ‘falhados’, no sentido usado quando um motor tem falhas” (Fanon, [1952] 2008, p. 38, negrito meu)

<sup>17</sup> “Há nessa passagem um jogo de palavras **impossível de reproduzir no português**. Fanon usa duas vezes a expressão *dans le train*. O termo *train* tem no francês vários significados, inclusive na linguagem familiar e na gíria, é como o ‘trem’ mineiro. Na primeira ocorrência, pode-se pensar na expressão corriqueira: *être dans le train*, estar na onda, na moda, no movimento; mas na segunda, o sentido é o literal, significando ‘no trem’ (ou seja, no trem o branco deixava poltronas livres ao redor de Fanon, para não se aproximar muito de um preto)” (Fanon, [1952] 2008, p. 105, negrito meu).

<sup>18</sup> “Tradução **impossível**. As palavras usadas são *liquette* (camisa), *bicoque* e *baraque*, termos da gíria metropolitana, o *argot*. A velha mãe não compreende o novo vocabulário alienígena” (Fanon, [1952] 2008, p. 48-49, negrito meu).

que se infiltra em nosso trabalho com o texto. Se há alguma forma de racismo no que aponte, ela não é marcada pela crítica ao texto de Fanon, mas pela forma como isso é feito – no que se refere ao trabalho do tradutor – e pelo sucesso de vendas da edição por mais de uma década, sem que fossem levantados quaisquer questionamentos a esse respeito pelos leitores – do que pude encontrar em minhas pesquisas.

O exercício feito, aqui, busca apontar que nem sempre se entre nesse jogo de forma consciente, mas é possível sair dele se firmarmos um compromisso com a (auto)crítica como uma das formas possíveis de reparação social no que diz respeito às pessoas racializadas. A linguagem escapa, a estrutura nos penetra e é urgente transformar as práticas que beneficiam a branquitude.

Há de se retomar, ainda, o fato de Silveira, aparentemente, não ter formação ou outras experiências como tradutor. Muitas vezes considera-se que a fluência ou o pretense “domínio” de uma língua são suficientes para que alguém traduza um texto, mas pudemos observar que a tarefa é muito mais complexa do que saber francês ou conhecer a obra do autor. O uso indiscriminado de notas parece denunciar a inexperiência com esse tipo de trabalho, bem como as referências à intraduzibilidade como algo que diz respeito a problemas no original e não ao fazer tradutório.

Dado o exposto, acredito ser necessário diversificar os corpos que fazem tradução e abandonar a pretensa espectralidade do tradutor, enfatizando o caráter político desse trabalho. Mais do que isso, é preciso trair as certezas teóricas e a superioridade inventada pela branquitude para enraizar outras possibilidades de construção de sentido, bem como enfrentar e desfazer o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) para poder firmar outros pactos e, enfim, possibilitar a realização de traduções decoloniais e antirracistas.

## Referências

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: UNESP, 2005.

AUTORA, 2022.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia. Tradução e relações de poder: algumas reflexões introdutórias. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia (orgs.). *Tradução e relações de poder*. Florianópolis: Editora Copiart, 2013.

CARNEIRO, Sueli; SCHUCMAN, Lia Vainer; LISBOA, Ana Paula. Alianças possíveis e impossíveis entre brancos e negros para equidade racial. In: IBIRAPITANGA; SCHUCMAN, Lia Vainer (orgs.). *Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo*. São Paulo: Fósforo, 2023.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, p. 79-91, 2007.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Trad: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, Lisboa, 1961.

FANON, Frantz. *Peau noire, Masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento em colaboração com Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTINO, Deivison. M. O que Fanon disse, afinal? Lewis Gordon e a defesa de uma abordagem fanoniana. *Plural*, 22 (2), p. 247-253, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2015.112459>.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. *Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Ano VIII, vol. 2, 2015. Trad. Liv Sovik e Kátia Santos. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>. Acesso em 24 abr. 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo no cotidiano*. Trad. Jesse Oliveira. 1 ed. 3a reimpressão. Rio de Janeiro: Cobogó, (2008) 2019.

KILOMBA, Grada. Prefácio: Fanon, existência, ausência. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento em colaboração com Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, (2003) 2018.

MIGNOLO, Walter. Bilinguajando o amor: pensando entre línguas. In: MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, (2000) 2003.

NASCIMENTO, Gabriel. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, p. 58–68, 14 maio 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, (1997) 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do "branco" brasileiro. In: RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, [1982] 1995.  
SILVEIRA, Renato. Frantz Fanon e a descolonização. *Afro-Ásia*, n. 66, 2022, p. 352-390.

SILVEIRA, Renato. Nota do tradutor. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer; CONCEIÇÃO, William Luiz da. Branquitude. In: RIOS, Flávia M.; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex. *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2023.

TACHTIRIS, Corine. *Translation and Race*. Londres, UK: Routledge, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003180166>.

TAGELDIN, Shaden M. Tradução (pós-colonial). In: VENUTI, Lawrence (org.). *Ensinando tradução: programas, disciplinas e abordagens pedagógicas*. Trad. e rev. téc. Marileide Dias Esqueda e Igor A. Lourenço da Silva. Belo Horizonte; Uberlândia: Editora UFMG; EDUFU, 2023.